

Os nove anos de debate

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

Se é verdade que os economistas dificilmente mudam de opinião, mas apenas aprimoram seus planos ao longo dos anos, será bastante útil a leitura da edição comemorativa dos 100 números da Carta de Conjuntura do Conselho Regional de Economia de São Paulo (Corecon-SP), divulgada na quarta-feira. A edição comemorativa foi montada com um artigo de cada um dos cem números já editados, de abril de 1984 a junho deste ano.

A suspeita parece ser confirmada com a defesa de um choque heterodoxo para derrubar a inflação feita por Francisco Lopes, em agosto de 1984, um ano e meio antes do Plano Cruzado.

Naquela época, a inflação girava entre 9 e 10% a mês, e Lopes reclamava da teimosia inercial. Alguns meses depois, em setembro de 1984, Pêrsio Arida notava o avanço da visão heterodoxa, mas chamava a atenção para seus

perigos: desindexação e congelamento.

Por isso seria no mínimo útil ler o artigo do número de junho de 1992, de Gustavo Franco, hoje na equipe da Fazenda, onde revela seu temor do provável fisiologismo de Itamar Franco, que redundaria na hiperinflação e em um truque: "a dolarização e/ou congelamento". Para ele, a dolarização seria mais perigosa por causa da inflação residual, do risco cambial e da indefinição fiscal. Outro membro da equipe atual, Winston Fritsch, defendia na edição de setembro de 1989 a suspensão temporária do pagamento aos credores externos para pressionar os bancos que, naquele momento, bloqueavam a negociação do Plano Brady.

De qualquer forma, a leitura da edição comemorativa da Carta é instrutiva: um roteiro das mazelas econômicas do País nos últimos nove anos, muitas das quais ainda persistem, conforme notou o presidente do Corecon-SP, José Roberto Cunha Jr.